

Brasil já obteve US\$ 5 bilhões do empréstimo jumbo

BRASILIA
100

Nova Iorque — Foi atingida a marca crítica de US\$ 5 bilhões no processo de obtenção do "empréstimo jumbo" de US\$ 6,5 bilhões de que o Brasil precisa para refinanciar sua dívida de US\$ 90 bilhões, disse William Rhodes, diretor do Citibank e chefe da comissão consultiva bancária sobre o débito brasileiro.

"Já temos mais de US\$ 5 bilhões e continuamos recebendo respostas de bancos de todos os portes e de todas as partes do mundo", disse Rhodes.

Enquanto isso, Delfim Netto, ministro do Planejamento, e Affonso Celso Pastore, presidente do Banco Central do Brasil, reuniam-se em Washington com diretores do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Delfim Netto fez uma "visita de cortesia" ao secretário do Tesouro, Donald Regan, disse um porta-voz da Secretaria limitando-se a acrescentar que "ele está na cidade para vários encontros e não se reunia com Regan há muito tempo".

Conforme se vem especulando, os US\$ 5 bilhões representam a "massa crítica" de que o Brasil precisa para obter o empréstimo de US\$ 6,5 bilhões e para que o FMI aprove todo o "pacote" de refinanciamento de débito, inclusive os desembolsos do próprio Fundo Monetário Internacional.

O Conselho Executivo

do FMI reúne-se ainda este mês, e Rhodes disse que seu diretor-gerente, Jacques de Larosière, "não está falando que esta é a massa crítica. Talvez ele queira ver as contribuições enquanto forem chegando, para tomar uma decisão".

Os bancos receberam o pedido para que respondessem à proposta de empréstimo até o último dia 10, data em que o Congresso brasileiro aprovou o Decreto 2.065, que limita os reajustes salariais, situando-os abaixo do índice inflacionário, considerado um grande fator que provocou a princípio a relutância dos bancos privados.

O empréstimo sofreu "enormes dificuldades", não apenas por causa de seu montante ou em decorrência da vultosa dívida externa brasileira de US\$ 90 bilhões, mas também devido ao número enorme de bancos participantes: 800 ao todo.

Alguns banqueiros também disseram que a obtenção do restante do empréstimo — mais de um bilhão de dólares — será o ponto mais difícil porque, conforme se presume, as contribuições precisarão partir dos bancos menores, os mais relutantes na questão dos desembolsos.

"Chegaremos lá, mais cedo ou mais tarde", comentou um banqueiro, embora ressalvasse que "daqui para frente não será fácil".